



**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTICA:
APRENDIZAGEM INTEGRAL, SUJEITO E
CONTEMPORANEIDADE**

**A MÚSICA SENDO INSPIRAÇÃO E REFERÊNCIA NA MINHA
VIDA (E EM MINHAS PRÁTICAS) COMO EDUCADOR E
EVANGELIZADOR – RELATO DE EXPERIÊNCIA**

CARLOS ALBERTO BERNAS FILHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Jesuítica: aprendizagem integral, sujeito e contemporaneidade pelo Programa de Pós-Graduação da UNISINOS.

Orientador: Prof. Dr. José Teixeira Neto (Zelão).

**Salvador / Ba
2025**

“Sem a Música, a vida seria um erro!”

(Friedrich Nietzsche, 1889)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso consiste em um Relato de Experiências, onde narro um pouco sobre a minha vida, que desde sempre foi (e continua sendo) permeada pela Música, seja na Educação, seja na Evangelização. Como já disse Platão: “A Música é o grande remédio da alma!” A Música sempre foi protagonista na minha história e faz parte da minha memória afetiva. Através da Música consigo motivação para seguir trabalhando na área da Educação e na área da Evangelização. No meu caso, uma coisa está ligada à outra. Trabalhar dessa forma, dentro de um espaço jesuíta, me dá prazer e faz com que a minha vida ganhe, a cada dia, um novo sentido, para sempre melhor amar e servir.

Palavras-chave: música; memória; amar; servir; educação; evangelização.

ABSTRACT

This Final Project consists of an Experience Report, where I tell a little about my life, which has always been (and continues to be) permeated by Music, whether in Education or in Evangelization. As Plato once said: “Music is the great medicine of the soul!” Music has always been a protagonist in my story and is part of my emotional memory. Through Music, I find motivation to continue working in the areas of Education and Evangelization. In my case, one thing is linked to the other. Working this way, within a Jesuit space, gives me pleasure and makes my life gain new meaning every day, to always better love and serve.

Keywords: music; memory; love; serve; education; evangelization.

SUMÁRIO

PRIMEIROS PASSOS (Introdução)

1 – CAPÍTULO 1 – MEMÓRIAS, CANÇÕES & AFINS...

1.1 – Meu pai: minha grande influência. 06

1.2 – A água passa e a areia fica no lugar 11

2 – CAPÍTULO 2 – A MÚSICA NA EDUCAÇÃO E NA EVANGELIZAÇÃO

2.1 – O meu trabalho na Pastoral..... 13

2.2 – A importância da Música nas nossas vidas. 15

3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 18

4 – REFERÊNCIAS 19

PRIMEIROS PASSOS...

Pretendo falar do meu primeiro contato com a Música, do meu relacionamento com o meu pai (meu grande incentivador musical), da minha paixão pelo violão e da minha experiência com a Música na Educação e na Evangelização.

Este trabalho é uma maneira de devolver à vida o que ela me proporciona a cada dia: gratidão pela Arte, especialmente pela Música, e ratificando o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1889): “Sem a música, a vida seria um erro!” Espero, com esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mostrar a importância que a Música exerce na minha vida e na vida de tantas outras pessoas.

Nesse relato de experiências, me inspiro e articulo diálogos através de minhas práticas, com as seguintes referências: Maria da Conceição Passegi e Elizeu Clementino de Souza, para tratar de ‘autobiografia’; Maristella Santos Nascimento e Vanda Palmarella Rodrigues sobre ‘metodologia de relato de experiência’ e com Ana Lúcia Almeida Leme Scagnolato e Eva Sandra Monteiro Cipola, para referendar a ‘Música como potência formativa’.

No capítulo 1, apresento memórias, canções e alguns projetos autorais; narrando, também, sobre a influência que meu pai teve (e continua tendo) na minha trajetória.

No capítulo 2, escrevo sobre a Música na minha vida, no meu trabalho – no Colégio Antônio Vieira – onde a utilizo como fonte principal de evangelização e educação jesuítica.

Por fim, concluo que a minha vida não teria sentido algum se não fosse regida e permeada pela Música. Ela que me ensinou e me ensina tanto a cada dia.

CAPÍTULO 1 – MEMÓRIAS, CANÇÕES & AFINS...

1.1 MEU PAI: MINHA GRANDE INFLUÊNCIA

Lembro que eu passava horas e horas escutando os discos de canções brasileiras de meu pai e tentava aprender, no violão, algumas dessas canções. Não consigo recordar fatos acontecidos antes dos meus 5 anos de idade, apenas dos meus 5 anos de idade em diante. E, pelo que me lembro, a Música lá em casa se fazia sempre presente. Antigas canções cantadas por minha mãe, canções autorais de meu pai tocadas ao violão ou o rádio ligado em alguma emissora AM, com suas canções, noticiários e suas infinitas propagandas. Minha mãe, por ser filha de árabe, cantarolava algumas canções árabes,

mescladas com outras brasileiras. Minha avó era libanesa. Lá em casa havia muito discos árabes e no lugar do tradicional feijão com arroz, o costume mesmo era enjadra, charutinho, quibe de forno, tabule, kafta, berinjela recheada etc. Tudo sempre muito temperado e apimentado. Lembro que, de vez em quando, o meu pai quebrava o clima árabe fazendo algo bem brasileiro: uma suculenta feijoada. Colocava o feijão no prato, farinha, misturava tudo com as mãos, nos chamava e metia a trouxa de feijão na nossa boca e dizia: “Coma, filho, isso aqui é o que dá sustança!” Assim era o ambiente lá de casa: música, culinária árabe/brasileira, amor e diversão.

Outra coisa importante que me recordo: nunca vi meus pais discutirem ou até mesmo falando alto entre eles. Nunca me bateram. Creio que com minha irmã tenha acontecido a mesma coisa, pois nunca presenciei algo do tipo. O “castigo” deles não passava pela violência ou agressão e sim por tirar as coisas que a gente gostava. No meu caso, se eu fizesse alguma desobediência ou algo, que para eles não estivesse dentro dos padrões éticos e familiares, eu ficava sem tocar violão por dois dias. Ora, tocar violão, para mim, era algo que já fazia parte da minha rotina diária e do meu bem-estar. Era a minha terapia (e contiuu sendo até hoje). Portanto, eu procurava me comportar, na medida do possível, para que eu não ficasse distante do meu parceiro de 6 cordas.

Cresci ao lado de dois violões de meu pai: o primeiro violão, que ele ganhou de meu avô, um “Tonante” enorme e duro, de cordas de aço. Preferia um “Giannini”, que ele havia comprado na loja “A Primavera”. É uma loja antiga e que até hoje existe. No Pelourinho tem uma loja *A Primavera* e consta que ela existe desde 1876. Ou seja, uma verdadeira tradição nesse ramo musical. Esse “Giannini” que ele comprou era bem menor que o “Tonante”, tinha as cordas de nylon, macias e de uma sonoridade mais bonita. Combinava bem mais com a sonoridade que eu gostava de ouvir, a bossa-nova, por exemplo. Até hoje, sempre que preciso de algo para os meus violões, recorro a essa mesma loja, pois tem de tudo do ramo musical e os preços são bem mais acessíveis.

Um dos exercícios que meu pai me passava era o de ficar escutando a mesma canção por vários dias e tentar, daí, acompanhar o(a) cantor(a) enquanto a antiga vitrola Philips rodava o disco de vinil. Esse tipo de exercício fez com que os meus ouvidos ficassem aguçados e é considerado, até hoje, um dos melhores exercícios de percepção que existe. Eu não lembrava que era uma vitrola “Philips”. Aqui, tive que recorrer à memória de minha mãe. A vitrola foi um presente que ela havia dado ao meu pai no dia do seu aniversário. Segundo Michael Pollak (1992):

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (Pollak, 1992, p. 18).

Sempre gostei muito mais de ler do que de escrever. Devorava os livros de Monteiro Lobato¹ e as enciclopédias que meu pai comprava para mim e para minha irmã, Rosana. Nessa mesma época, final dos anos 1970, a obra de Monteiro Lobato que eu mais gostava acabou virando uma série de televisão: *O Sítio do Pica-pau Amarelo*. Mais tarde, acabou virando história em quadrinhos. E, para minha surpresa, anos mais tarde, descobri que a canção tema de abertura da série era de Gilberto Gil, e que havia na trilha sonora, mais artistas que eu admirava, como: Ivan Lins, João Bosco, Lucinha Lins, Chico Buarque, Jards Macalé, Doces Bárbaros, entre outros. Em meio ao “Sítio”, eu tentava pegar as canções, pois, tudo para mim era motivo de correr para o instrumento para praticar e aprimorar o ouvido musical.

Ao ver o meu interesse pelas canções do “Sítio”, meu pai me presenteou com o LP do seriado. Dessa forma, poderia repetir as canções quantas vezes eu quisesse na vitrola para “pegá-las” corretamente. Depois, fazia o meu próprio arranjo e cantava do meu jeito, pois nunca gostei de imitar as formas originais. Serviam, apenas, para estudo mesmo. Até hoje faço isso: tento colocar em cada música, o meu jeito, a minha cara, dar o meu sabor e forma. O LP do *Sítio do Pica-Pau Amarelo* serviu de grande inspiração e incentivo para a minha evolução musical.

Esse foi o meu primeiro disco infantil. Lembro-me que, depois desse disco, comecei a colecionar vários outros. A maioria das crianças, da minha idade, gostava de ouvir as canções para cantar, dançar, pular etc. Enquanto eu, por volta dos meus oito/nove anos de idade, gostava mesmo era de estudar e praticar o violão.

Desse jeito, ia formando os acordes e podia perceber a diferença entre um acorde maior ou um acorde menor, entre um acorde com sétima ou um acorde com sétima e nona, entre um acorde natural ou um acorde dissonante, a possibilidade de formar o mesmo acorde em diferentes posições, mudanças dos baixos de cada acorde, acordes tocados em oitavas diferentes, acordes invertidos etc. Justamente nesse período, entre os discos de Luiz Gonzaga, Pixinguinha, Ivan Lins, Noel Rosa, Chico Buarque, Gilberto Gil, Tom Jobim, Cartola, Elis Regina, Gal Costa, Zé Ketí, Nara Leão, João Gilberto, Maria Bethânia e tantos(as) outros(as) artistas, é que eu me deparei com os discos de Caetano Veloso. Foi amor à “primeira escuta”. Entre todas as coleções de discos de meu pai, a coleção de Caetano foi a que mais me chamou atenção, pela forma dele escrever, pela sua poesia e pelo jeito de cantar. Do seu lado instrumentista, nunca fui admirador. Sempre achei (e continuo achando) que ele nunca se dedicou para ser um bom violonista. Diferente de

¹ Escritor, ativista, diretor e produtor, nascido em Taubaté, São Paulo. Bastante conhecido entre o público infantil, pois se dedicou a um estilo de escrita com uma linguagem simples, onde realidade e fantasia caminham lado a lado.

Gilberto Gil. Porém, o jeito irrequieto de ser e a irreverência “Caetanística” sempre falaram alto nessa minha escolha.

Dessa forma, ia lendo mais sobre Caetano e sobre o que ele gostava de ouvir. Não tinha como não escutar, também, os artistas que influenciaram a sua trajetória no meio artístico. O tempo ia passando e eu gostava mesmo era de ficar em casa escutando os discos de meu pai, evoluindo no instrumento. A primeira canção de Caetano que toquei no violão foi “O leãozinho”. Uma canção do álbum “Bicho”, de 1977. Virou um clássico dentro do seu repertório. Sem dúvidas, uma das canções mais conhecidas de sua extensa obra.

Uma certa feita minha mãe recebeu um casal de amigos e me lembro perfeitamente da amiga dela falando: “Rosa, esse menino precisa de um psicólogo. Só fica em casa tocando violão e ouvindo discos. Não brinca lá embaixo com as outras crianças, não?” Minha mãe respondeu: “Ele é assim mesmo. E eu prefiro que meu filho fique em casa do que na rua!” Ora, eu gostava de brincar com os meus amigos. Brincava de esconde-esconde, futebol, rodar pião, jogar bola de gude, pega-pega (picula), bicicleta etc. Porém, preferia ficar em casa na maioria do dia. Não via e não vejo nada demais nisso. Até hoje sou muito caseiro. Isso não quer dizer que eu seja antissocial. Prefiro a companhia de um violão do que a companhia de muita gente que existe por aí. Sem falar que eu tive infância: brincava com os meus amigos, voltava sujo pra casa, com algum ferimento no joelho (ou alguma parte do corpo), enfim... Hoje em dia, a maioria das crianças brincam no computador, celular, smartphone, tablet ou coisas do tipo. Vivi bem a minha infância e adolescência, disso não posso me queixar.

O tempo ia passando, eu ia crescendo e o meu amor pela Música só aumentava. Ao notar essa paixão pela Música, meu pai me colocou no Grupo de Extensão de violão da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Esse curso na Universidade Federal da Bahia é bem antigo, aqui refiro-me à década de 1980. Lembro-me que o nome não era esse (Grupo de Extensão) e sim: Curso Básico. Ali, foi o meu primeiro contato com a partitura, fato que abriu ainda mais a minha cabeça para o universo infinito que a Música nos proporciona. Justamente nesse período, meu pai sofreu um infarto fulminante, não resistiu e partiu sem dizer adeus. Era o ano de 1984. Ali, decidi não ir mais para a Escola de Música, não pegar mais no violão, pois além de não ter motivação e alegria, tudo o que era relacionado com a Música lembrava o meu pai! Parei com os estudos, não via mais graça em nada na vida. Não tinha mais a minha referência, meu herói, meu incentivador... Tudo perdeu o sabor. Fiquei um tempo sem pegar no violão. Não tinha vontade nem mesmo para fazer as coisas que eu mais gostava. Ficava olhando para o céu e perguntava a Deus: “Por que Você levou uma pessoa tão boa e querida? Por que Você tirou ele de mim? Por

quê? Por quê?” Fiquei alguns anos sem tocar violão, sem ouvir discos... Me afastei da Música, de uma forma geral. Eu queria me afastar de tudo o que lembrava o meu pai, pois ainda era muito dolorido conviver sem a sua presença física. Só não consegui parar de comprar os discos de Caetano. Já não ia com tanta frequência às lojas especializadas, porém acabava adquirindo o disco mais atual. Passei a me dedicar ao esporte: futsal, natação, ciclismo etc. Era o ano de 1989. Um ano de muitos significados.

Rememorar o passado faz com que a minha identidade se renove e eu mergulhe na mais profunda saudade. Uma saudade que me traz alegria, não tristeza. Que me traz conforto, não dor. Segundo Joël Candau (2011):

A rememoração permite, portanto, o estabelecimento de laços de pertencimento determinantes para a construção identitária. A memória modela o sujeito e, ao mesmo tempo, é por ele modelada. Assim, é a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (Candau, 2011, p. 16).

Meu pai sempre falava uma frase, quando o assunto era saudade: “A saudade é a memória do coração!” E só agora, escrevendo esse trabalho e fazendo a pesquisa necessária, é que me dei conta do autor dessa frase: Coelho Netto.²

O que tenho achado interessante ao escrever esse TCC, é que consigo lembrar exatamente do tom da voz de meu pai e de minha mãe falando certas coisas, consigo me lembrar das imagens (como se fossem fotografias), consigo sentir os cheiros e sabores da época etc.

Depois que meu pai se foi, passei a cuidar das coisas dele como se fossem minhas. Assumi essa responsabilidade, mesmo com pouca idade. Só depois de sua partida foi que me dei conta de que ele guardava muitas canções autorais. Todas datilografadas, organizadas de forma cronológica e cifradas. Eu conhecia algumas, as que ele mais cantarolava e tocava no violão. Ele tinha muitas poesias também. Um homem de uma sensibilidade aflorada e de humor único. Um amante da Arte. Esse amor pela Arte, pela Música, pela Poesia, herdei dele. Com o passar do tempo, fui entender que meu pai era muito bom pra ficar aqui nesse mundo tão desigual e injusto. Pessoas muito boas não merecem ficar aqui por muito tempo. Apenas o tempo suficiente para melhorar a vida de outras pessoas e fazerem elas mais felizes. Esse foi o caso de meu pai. Demorei para entender (e acreditar nisso) mas, é o que acredito. A missão dele foi cumprida aqui na Terra.

² Henrique Maximiano Coelho Netto foi um escritor, político, professor e membro da Academia Brasileira de Letras, nascido em Caxias, município do estado do Maranhão.

1.2 A ÁGUA PASSA E A AREIA FICA NO LUGAR...

Tudo passa... Voltei a praticar violão de uma forma muito mais intensa, e agora, experimentando peças eruditas de Villa-Lobos, Carulli, Bach, Mozart, Beethoven e outros. Óbvio que sem abandonar a MPB, o Chorinho e a Bossa Nova, que foram (e continuam sendo) o meu alicerce musical. Como o meu foco voltou a ser a Arte, acabei me reencontrando com os discos, enciclopédias e livros de meu pai. Minha mãe preferiu guardar esse acervo e devo gratidão eterna a ela por isso. Entre os livros estão obras memoráveis de grandes escritores brasileiros, como: Monteiro Lobato, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Ferreira Gullar, Machado de Assis, José de Alencar, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, entre tantos outros autores.

Em meio à Literatura e em meio à Música, fui me (re)encontrado. Fiz o curso de Instrumento na UFBA e, em seguida, entrei para a Comunidade Shalom³. Comecei participando em um grupo de oração, depois fiz o Vocacional para entrar oficialmente na Comunidade. Depois do Vocacional fiz o Noviciado e logo depois me consagrei na Comunidade Shalom, como Comunidade de Aliança. Existem duas realidades: a Comunidade de Aliança, que são as pessoas que vivem para a Comunidade, mas vivem em seu próprio Estado, tendo o seu trabalho e sua família por perto; Comunidade de Vida, que são as pessoas que vivem fora de seu Estado, longe da sua família e se dedicam integralmente para a Comunidade. Passei 14 anos da minha vida como consagrado do Shalom. Sempre fui do Ministério de Música e durante 10 anos (desses 14 anos) eu coordenei o Ministério de Música. Um Ministério que é um Ministério “de frente” e que se faz presente em todos os eventos da Comunidade.

Em 1998, gravei um CD (*Faz-me criança*) e com esse CD acabei viajando o Brasil todo, fazendo shows nas missões da Comunidade, visto que o Shalom está presente em todo o País. Desde esse tempo eu venho percebendo o poder que a Música tem na evangelização e o quanto ela ajuda a “pescar” homens e mulheres para Deus. Fiquei no Shalom de 1992 a 2006. Foram anos que deram muitos frutos. Pude morar em Fortaleza e no Rio de Janeiro, pela Comunidade, quando pedi para ir em Missão. Em Fortaleza, trabalhei no Estúdio Shalom e no Rio de Janeiro dei aula de Educação Musical no Colégio Nossa Senhora da Ressurreição. Foram anos que deram muitos bons frutos, porém eu

³ A Comunidade Católica Shalom foi fundada em 1982, com o objetivo de evangelizar os jovens (principalmente através da Arte). Faz parte da Renovação carismática e está enquadrada, pelo Vaticano, entre as “Novas Comunidades” da Igreja. Se faz presente em quase todo o Brasil e em vários países do mundo.

queria experimentar outras experiências com a Música. Pedi o afastamento da Comunidade e fui mergulhar mais fundo no universo musical. Fiz o curso na Villa-Lobos (RJ) de composição e regência e passei a reger corais. Fiz uma Especialização em Musicoterapia. Sempre achei interessante a junção da Música com a Terapia e, em meio a isso, criei 2 grupos de terapia musical: o GIM (Grupo Itinerante musical) onde atuei no hospital São Rafael durante 15 anos. Com o Coral, percorríamos todas as áreas do referido hospital.

Criei, também, o GTM (Grupo de Terapia Musical) onde atuei no Núcleo de Oncologia da Bahia (NOB), durante 8 anos. No Hospital São Rafael, além dos arranjos para canto-coral que envolviam os colaboradores, eu atuava com o GIM, cantando para os pacientes e familiares, levando sempre uma mensagem de conforto através de canções populares. No NOB, o coral era formado por pacientes com câncer, ou que passaram pelo Núcleo de Oncologia e foram curados(as).

Em 2017 fizemos uma apresentação no Teatro Castro Alves, com o cantor Saulo Fernandes, pois o pai dele fez o tratamento no NOB, e hoje está curado! Em meio a um Projeto, eu já criava outro, sempre tendo a Música como protagonista e principal auxílio, porque acredito que através da Música posso alcançar voos inalcançáveis.

Como fiz alguns cursos na área musical, acabei me enveredando também por algo novo que surgia na UFBA, no ano de 2009: o Bacharelado Interdisciplinar, cujo Programa contempla 4 áreas: Artes, Humanas, Saúde e Ciência/Tecnologia. Um curso interdisciplinar, onde o(a) aluno(a) é obrigado a cursar disciplinas de outras áreas (e não somente a área que ele/a escolheu). Com isso, me formei na primeira turma de Bacharelado Interdisciplinar em Artes. Daí, em 2011, já emendei o Mestrado no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (linha: Cultura e Arte) onde fui aprovado com distinção e louvor. Nesse período, criei mais um projeto: o “caetanUFBA”. Tratava-se de um grupo de Extensão, cujo curso fornecia um certificado de 40h e terminava com uma Mostra a cada final de semestre. No repertório, canções de Caetano Veloso, onde eu fazia arranjos para 4 vozes. A minha intenção com esse projeto era divulgar o belo repertório desse grande artista baiano, no meio dos jovens da Universidade. O caetanUFBA contava com o apoio de Marilda Santana (Profa. Dra. Titular da Universidade Federal da Bahia). No entanto, o projeto não resistiu à pandemia. Tivemos que parar os ensaios e, com isso, a dinâmica foi esfriando e não voltamos mais a nos encontrar. Foram 16 edições do caetanUFBA, tendo a cada semestre uma nova edição. O Projeto surgiu em 2012, ano em que dona Canô faleceu. Em 2013 recebi um convite de Irene (irmã de Caetano) para que nos apresentássemos em um Sarau da família, pois eles estavam querendo voltar com as festividades, na casa de dona Canô, em Santo

Amaro da Purificação (BA), visto que ficaram 1 ano sem promover eventos na casa por conta da morte da matriarca. Cantar nesse Sarau, para a família – inclusive Caetano e Bethânia – foi a glória para nós do caetanUFBA.

Poder fazer parte de tantos projetos musicais foi me dando, ao longo do tempo, uma experiência de vida e um repertório bem eclético. Utilizo isso no meu dia a dia, no meu trabalho na Pastoral, educando e evangelizando tantos jovens.

CAPÍTULO 2 – A MÚSICA NA EDUCAÇÃO E NA EVANGELIZAÇÃO

2.1 O MEU TRABALHO NA PASTORAL

Sou educador e evangelizador no Colégio Antônio Vieira, em Salvador, Bahia. Atuo na Formação Cristã desde janeiro de 2022. Quando entrei, o Setor era denominado SORPA (Serviço de Orientação Religiosa e Pastoral). No final de 2024, o nome foi alterado para “Formação Cristã”, para ficar em unidade com toda a Rede Jesuíta de Educação (RJE), visto que somente em Salvador a Pastoral era denominada de SORPA.

No meu trabalho, na Pastoral, busco utilizar a Música como fonte principal para educar e evangelizar. Andar pra cima e pra baixo com um violão debaixo do braço atrai olhares de muitos jovens. O violão atrai. A Música atrai. Percebendo isso, criei um projeto musical intitulado “CAViolão & Voz”, onde aproveito os intervalos do Vieirão para que os(as) alunos(as) toquem violão e cantem. Um projeto voltado para alunos(as) do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio. Dessa forma, eles(as) tocam e cantam músicas autorais ou de outros artistas, mostrando um pouco do talento e desenvoltura diante de tantos outros jovens que circulam no espaço do pátio centenário, no intervalo. Com isso, vou conhecendo e me aproximando ainda mais dos jovens, e aproveito para fazer o meu trabalho pastoral fluir e dar certo, falando de Cristo e da importância e prazer de “amar e servir”, como já nos ensinou Santo Inácio de Loyola, um dos fundadores e pilares dos Jesuítas. Utilizo o violão no PAA (Plano de Acompanhamento ao Aluno), na Catequese e em outras várias ações, onde estou frente a frente com os(as) alunos(as). Isso faz com que prestem atenção no que estou falando (ou cantando) e faz com que a minha narrativa se torne mais agradável e lúdica.

Tratando da minha experiência onde trabalho, compactuo com o que fala Elizeu Clementino de Souza: “as narrativas de si e as histórias de vida têm o poder de engajar o sujeito, através da passagem da experiência à linguagem, em um trabalho de elaboração, diálogo e releitura da sua experiência” (Clementino, 2021, p. 1). Quanto mais vou mergulhando na minha história de vida, sinto que a elaboração da minha narrativa ganha força e dialoga com um passado que se faz presente, a cada dia, construindo uma

identidade mais equilibrada e harmônica comigo mesmo e com todas as pessoas ao meu redor. Ainda sobre narrativas de si, Maria da Conceição Passeggi destaca que: “as identidades precisam ser (auto)interpretadas, narradas para o (auto)conhecimento, para a consciência de quem somos e do que nos levou a ser o que somos.” (Passeggi, 2013, p. 298). Tenho plena consciência de quem sou e isso se deve a essas transformações e experiências de vida onde fez (e faz) da minha identidade uma identidade única e, cada vez mais, comprometida com a educação e evangelização, naquilo que me levou a ser o que sou hoje.

O ritmo no Vieirinha é bastante diferente do ritmo do Vieirão, onde fui acostumado a desenvolver o meu trabalho de pastoralista e professor. No Vieirão⁴ trabalhei com alunos(as) do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental (em média 13 e 14 anos) e alunos(as) da 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio (em média 15, 16 e 17 anos). Nesse caso, eles(as) já têm um foco, no Vestibular e no Enem⁵, já possuem, mais ou menos na mente, uma carreira que querem seguir. Isso pode (e acontece com muita frequência) mudar, com o passar do tempo e das experiências vividas. Já no Vieirinha⁶, as crianças só pensam em brincar. O que importa ali, naquele espaço, é a diversão. Ainda são muito novas para pensarem em vestibular, Enem, Faculdade etc. Faço um trabalho mais lúdico e “brincante”. A Música me auxilia, e muito, nesse momento. O papel de educador e evangelizador ganha uma força ainda maior, pelo fato de eu estar abraçado com a Música. O violão é a minha ferramenta inseparável. Torna fácil o que poderia ser difícil.

Vou intercalando uma canção no conteúdo das aulas, vou criando – ali na hora – uma canção que ajude a compreender melhor o assunto a ser tratado e isso vai se tornando para as crianças um momento de prazer onde elas ficam torcendo para encontrar novamente o professor Carlinhos, com o seu amigo inseparável, o violão. A ponto de crianças de outras turmas pedirem para mudar pra minha turma, sendo que a minha turma – segundo as crianças – é a turma mais animada do Vieira. A propaganda “boca a boca” é, de fato, eficaz. Vou recebendo esse *feedback*⁷ dos pais e, óbvio, isso me enche de alegria e me dá a certeza de que estou no caminho certo.

⁴ Uma parte do Colégio Antônio Vieira que engloba alunos(as) da 8º e 9º anos (Ensino Fundamental II) e alunos(as) da 1ª, 2ª e 3ª séries (Ensino Médio).

⁵ Exame Nacional do Ensino Médio. Foi instituído em 1998, com o objetivo de avaliar o desempenho escolar dos estudantes. Em 2009, o exame aperfeiçoou sua metodologia e passou a ser utilizado como mecanismo de acesso à educação superior.

⁶ Uma parte do Colégio Antônio Vieira que engloba alunos(as) do 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º e 7º anos do Ensino Fundamental I.

⁷ Palavra original do idioma inglês que pode ser traduzida como “retroalimentação”, que significa a resposta dada a uma ação ou postura como forma de avaliação.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NAS NOSSAS VIDAS.

A utilização da Música – assim como outros meios artísticos – incentiva a participação, a contribuição, a socialização e ajuda a derrubar barreiras e bloqueios que atrasam o desenvolvimento. A Música é uma linguagem universal. A linguagem musical, no processo de educar e evangelizar, dá-se como um instrumento pedagógico e metodológico de extrema importância, pois traz na sua natureza a interdisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem. Quando a criança escuta uma Música, ela aprende uma canção, participa de brincadeiras (rítmicas ou corporais), recebe estímulos, despertando nela o gosto musical, florescendo movimentos, favorecendo o seu desenvolvimento, aumentando e melhorando a sua compreensão sobre o que está sendo falado na sala de aula. Música é vida. A Música é um componente imprescindível na formação de uma criança, pois ajuda na capacidade de pensar e ajuda a exercer a criatividade e subjetividade de forma livre e crítica, tornando-a, no futuro, uma pessoa autônoma, capaz de pôr em ação – com responsabilidade – seu papel de cidadã, nesse mundo. Segundo Teca Brito, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP): “a Música é uma linguagem universal. Tudo o que o ouvido percebe sob a forma de movimentos vibratórios são expressões de vida, da energia, do universo em movimento” (Brito, 2013, p. 17).

Percebi, nesse tempo em que estou como Pastoralista no Colégio Antônio Vieira, que a Música tem o poder de atrair, de arrebatar, não somente as crianças, mas os jovens, adolescentes e adultos. Segundo Ana Lúcia Scagnolato (2006):

A música não substitui o restante da educação, ela tem como função atingir o ser humano em sua totalidade. A educação tem como meta desenvolver em cada indivíduo toda a perfeição de que é capaz. Porém, sem a utilização da música não é possível atingir a esta meta, pois nenhuma outra atividade consegue levar o indivíduo a agir. A música atinge a motricidade e a sensorialidade por meio do ritmo e do som, e por meio da melodia, atinge a afetividade. (Scagnolato, 2006, p. 7).

A utilização da Música, na comunidade educativa, é de grande importância, pois o ambiente se torna mais leve, mais agradável e o(a) aluno(a) é estimulado(a), cada vez mais, a aprender com ludicidade. O aprendizado, através da Música, faz com que a interação seja maior entre aluno(a)/aluno(a) e aluno(a)/professor(a). A Música ajuda a manter o clima da sala de aula mais leve e descontraído, até porque o divertimento e o lúdico são fatores indispensáveis na construção do conhecimento. Aprender de forma prazerosa e estimulante, torna possível esse processo mais eficaz e, assim, o professor atinge seus objetivos com resultados além do esperado, alcançando novas ideias, conceitos, perspectivas e concepções. De acordo com Alice Maria Corrêa Medina (2012):

Educar exige conhecimento, firmeza e sensibilidade, mas também leveza em ambientes compartilhados com alegria, permitindo, dessa forma, que a educação pulse e brilhe com toda a sua intensidade e luz diante das possibilidades e sonhos, proporcionando e representando a vida em cada aluno ao sorrir. (Medina, 2012, p. 437).

Os(As) alunos(as) conseguem perceber que durante essa experiência com a Música existe um entrosamento, uma maior interatividade com os(as) colegas e com o professor, seja emocionalmente, fisicamente ou cognitivamente, que vai construindo e delineando uma estruturação de conhecimentos, dentro e fora do Colégio. Se faz necessário que essas ações sejam relevantes, expressivas e façam sentido para cada turma atendida, com articulações entre os aprendizados teóricos, conhecimento de vida dos(as) alunos(as) e das experiências adquiridas durante as práticas pedagógicas para uma maior realização e consumação das ações educativas. Basta que eu entre em uma sala, segurando o violão, e... pronto! Já percebo olhares curiosos e diversos sorrisos, simplesmente porque o violão remete à Música e Música remete à leveza. Já fico com o clima favorável para falar o assunto que pretendo com a turma. Isso ajuda, faz com que o grupo participe da aula, colaborando comigo e sendo mais afetuoso.

O afeto é um fator fundamental na relação professor/aluno. Junto com o afeto vem a admiração, o respeito, a colaboração, entre tantos outros pontos positivos. Segundo Anna Maria Weigel: “A afetividade é uma sensação de prazer, que possibilita expressão dos sentimentos perante os outros. Desenvolver a afetividade acarreta uma sensação de segurança!” (Weigel, 1988, p. 15). Não só o afeto produz uma sensação de prazer; a Música também faz esse papel. Através da Música, hormônios⁸ do prazer e do bem-estar são liberados para quem escuta alguma canção, canta alguma canção ou executa, no instrumento, alguma canção. São quatro os hormônios da “felicidade”: dopamina, endorfina, ocitocina e serotonina. O contato com a Música faz com que esses hormônios sejam liberados no nosso corpo, nos causando felicidade e relaxamento. A Música ajuda, também, a reduzir a ansiedade e o estresse. E, óbvio, que utilizo isso em meu favor, na sala de aula. Manter os(as) alunos(as) felizes, participativos(as) e relaxados(as) é o sonho de qualquer professor(a).

Ter controle sobre uma turma não é algo fácil, porém a Música me ajuda a ter esse controle, essa atenção dos meninos e das meninas. Nesse ambiente, vamos crescendo juntos, fortalecendo os laços de amizade e de afeto. Ainda mais em um espaço inaciano, onde o amor e o afeto andam de mãos dadas.

No início desse semestre, aconteceu uma situação na sala de aula, onde eu estava

⁸ Substâncias químicas, produzidas pelas glândulas, tecidos e neurônios, que regulam e equilibram as funções biológicas do corpo humano.

com minha colega do SOE⁹ aplicando o PAA¹⁰ e, de repente, uma aluna me disse: “Professor Carlinhos, eu gosto muito quando o senhor entra na sala com o violão, porque a Música me ajuda a entender melhor o que o senhor fala e chego em casa contando pra minha mãe o que aprendi hoje, na sala!” Aquilo me deixou muito feliz e com mais certeza ainda, em meu coração, de que a Música abre portas, quebra o “gelo” e facilita o entendimento, contribuindo para o aprendizado, além de desenvolver a coordenação motora, a criatividade e a concentração, possibilitando, através da voz e do corpo, uma maior interação com o mundo. Em 2024 utilizei tubos sonoros¹¹ para trabalhar com os(as) estudantes da oitava série do Ensino Fundamental a questão do som grave/médio/agudo e a importância de sermos “instrumentos” e seres harmônicos onde quer que estejamos. Distribuí diversos tubos, com afinações aleatórias, dividi a turma em dois grupos (grupo da minha esquerda e grupo da minha direita) para que produzissem um som harmônico, que fosse agradável aos ouvidos e que ficasse dentro de um mesmo ritmo e andamento.

Dei 10 minutos para realizarem a tarefa. Foi um desastre. Produziram um som desafinado e desarmonioso, cada um em um tempo diferente. Não era agradável de se ouvir. Era muito barulho e pouco (quase nada) som agradável que saía dali.

Recordo-me que o SOE havia falado comigo dessa turma. Que era uma turma difícil, desrespeitosa, afrontosa... Não era nada amorosa. Aplicando o exercício dos tubos sonoros, eu quis mostrar para os(as) meninos(as) que: precisamos uns dos outros para vivermos em harmonia, respeitando opiniões e escolhas alheias, que juntos somos mais fortes e felizes, que muitas vezes a nossa vida passa por um momento mais duro – aí me referi ao “som grave” do tubo, e que muitas vezes a nossa vida passa por um momento mais leve – aí me referi ao “som agudo” do tubo, fazendo uma alusão às frequências e vibrações: o som grave indica vibração baixa, o som agudo indica vibração alta. Quantas vezes, em nossa vida, passamos e sentimos essas vibrações? Até porque a nossa vida perpassa por altos e baixos, constantemente. Em seguida, separei três tubos sonoros afinados em Dó (C), Mí (E) e Sol (G), formando uma tríade¹² onde consegui extrair um som harmonioso e ritmado, agradável aos ouvidos.

Logicamente a escolha da tríade teve um papel fundamental no resultado final: as notas se harmonizavam e se completavam entre si, não ficavam destoando e nem

⁹ Serviço de Orientação Educacional que tem por objetivo possibilitar um nível adequado de maior e melhor integração entre a Escola e a família.

¹⁰ Plano de Acompanhamento ao Aluno que tem por objetivo conhecer cada aluno(a), acompanhá-lo(a) no seu modo de proceder, ajudá-lo(a) a melhorar onde precisa melhorar e ajudá-lo(a) a superar dificuldades no seu dia a dia na escola.

¹¹ Tubos feitos em PVC, afinados pelo diapasão ($f = 440\text{hz}$), onde produzem sons (naturais, sustentidos, bemóis). Quanto maior o tubo, mais agudo é o som. Quanto menor o tubo, mais grave é o som.

¹² Conjunto de 3 notas (que formam 1 acorde). A junção das notas: dó-mí-sol forma o acorde de Dó. Desse jeito, surge uma harmonia agradável ao ouvido.

desafinando, e o melhor, dentro de um ritmo, de um andamento onde dava uma certa leveza e bem-estar para quem estava participando do exercício. Quando acabei de fazer a apresentação com os tubos toda a turma bateu palmas e pediu mais exercícios daquele tipo. Consegui atrair a atenção deles(as), e mais ainda, consegui provocá-los(as) para a necessidade de estarem implicados com o coletivo.

Essa foi uma experiência que eles(as) levaram para casa. Uma experiência bem inacciana, onde eles(as) se envolveram na cena e puderam perceber a importância da coletividade, entrelaçada pelo amor e pelo afeto. Uma turma harmoniosa, empática, de boa escuta, de bom comportamento tende a ser uma turma mais amorosa e dedicada aos estudos. E a Música ali, fazendo o seu papel e contribuindo para um ambiente agradável e melhor entendimento entre todos da turma. De acordo com Eva Sandra Monteiro Cipola (2017):

A Música como auxílio para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor e convívio social é incontestável. Quando bem trabalhada é capaz de facilitar o processo de ensino-aprendizagem, pois ela chama a atenção das crianças, promovendo um ambiente agradável e satisfatório à aprendizagem do educando. Por isso, ela se transforma num excelente e dinâmico recurso didático. (Cipola, 2017, p. 126).

É justamente nisso que acredito: que a Música facilita o processo de aprendizagem e transforma qualquer ambiente em um ambiente mais leve e prazeroso. Além de ajudar, em todos os sentidos, na formação do ser humano, ensinando-lhe a se posicionar no mundo de forma crítica, com criatividade e interagindo com o ambiente em que vive. Segundo Fernando Luiz Andretti (2020):

O grande propósito é ensinar ao aluno a pensar diferente, tendo um pensar eficiente, mostrando como deve posicionar-se, sendo crítico, e ensinar a buscar soluções próprias, usando a criatividade, o raciocínio lógico, lembrando sempre em interagir e integrar o ambiente em que vive, ou seja, interagir com o seu meio social. (Andretti, 2020, p. 50).

É papel do educador se comprometer para maior e melhor entendimento do aluno. Essa é a diferença entre “ensinar” e “educar”. O educador vai além da transmissão do conhecimento, colaborando com o desenvolvimento integral do indivíduo. O PEC (Projeto Educativo Comum) da Companhia de Jesus embasa essa prática docente quando relata que: “o professor organiza sua ação docente de tal forma que favorece aos estudantes o contato, a apropriação, a formulação e a reformulação em relação ao conhecimento, atuando sempre para tornar efetiva a aprendizagem!” (PEC 42, p.39).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Música é uma poderosa ferramenta pedagógica. Essa relação da Música com a Educação e a Evangelização é a melhor forma que encontro para fazer o meu trabalho fluir de forma natural e prazerosa. A minha vida sem a Música seria uma vida menos colorida e menos feliz. A Música, de fato, dá sentido a tudo o que faço e aprendo com ela a cada dia. Creio que é um dom divino e que, ao possuir esse dom, qualquer pessoa que o tenha deve aperfeiçoá-lo ainda mais. No meu caso, devolvo para Deus aquilo que Ele mesmo me concedeu e sou grato a Deus porque faço da minha vida uma vida cada vez mais vivida, através da Música! Que a Música continue exercendo a sua importância na Evangelização, na Educação, nas práticas pedagógicas, firmando-se cada vez mais nos pilares da pedagogia inacioniana, formando homens e mulheres competentes, conscientes, compassivos(as), comprometidos(as) e críticos(as) para melhor amar e servir, para melhor viver a vida! Retomando o poeta e filósofo alemão Friedrich Nietzsche: “Sem a Música, a vida seria um erro!” E eu concordo plenamente com ele.

REFERÊNCIAS

- ANDRETTI, Fernando Luiz. **Uma proposta de ensino para o Ensino Fundamental**. Dissertação [Mestrado em Ensino]. Unioeste – Programa de Pós Graduação em Ciências e Matemática – PPGEn, 181 f. Foz do Iguaçu, 2020. Disponível em: https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/5090/5/Fernando_Luiz_Andretti_2020.pdf Acesso em: 27 mar. 2025.
- BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- CIPOLA, Eva Sandra Monteiro; OLIVEIRA, Ademir Pinto Adorno de. **A musicalização no processo de aprendizagem infantil**. Revista científica UNAR (ISSN 1982-4920), Araras/SP, v. 15, n. 2, p. 126-141, 2017. Disponível em: http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol15_n2_2017/09_musicalizacao_no_processo.pdf. Acesso em: 10 mar. 2025.
- MEDINA, Alice Maria Corrêa. **Atividades físicas e lúdicas como fator motivacional para desenvolver inteligências múltiplas em crianças**. EDUCERE Revista da Educação, Ed. Educere: Umuarama/PR, v. 9, n. 1, p. 81-97, jan/jun, 2009.
- NASCIMENTO, Maristella Santos; RODRIGUES, Vanda Palmarella. **Oficinas pedagógicas. Construindo estratégias: Relato de Experiência**. Revista Unifacisa. Centro Universitário UNIFacisa. Campina Grande:PB, 2019. Disponível em: <http://www.docente.uesb.br/revista/rscv3/v3n1an10.pdf/html>. Acesso em: 22 abr. 2025.

PASSEGI, Maria da Conceição; NACARATO, Adair Mendes. **Narrativas autobiográficas produzidas por futuras professoras.** Revista Educacional da PUC/Campinas, n. 18, pp. 287-299, 2013. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/2365/html>. Acesso em: 23 fev. 2025.

PEC - **Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação Básica: 2021-2025.** 1ª ed. São Paulo: Rede Jesuíta de Educação, 2021.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoriaeidentidadesocial.0.capraro.pdf> Acesso em: 14 dez. 2024.

ROMANELLI, Guilherme. **Como a Música conversa com as outras áreas do conhecimento.** Revista Aprendizagem. Pinhais/PR, n. 14, p. 24-25, 2009.

SCAGNOLATO, Ana Lúcia Almeida Leme. **A importância da Música no desenvolvimento infantil.** WEBartigos - Plataforma de Conhecimento e Crescimento. Revista Científica FT, v. 27, ed. 127, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/160851/a-importanciadamusica-no-desenvolvimento-infantil/pagina1/html>. Acesso em: 04 mar. 2025.

SOUZA, Elizeu Clementino de.; BRETON, Hervé; SUÁREZ, Daniel Hugo. **Dossiê temático: vitalidade do sujeito e poder de transformação - Narrativas autobiográficas em diálogo.** Revista Práxis Educacional. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, n. 44, p. 1-8, 2021. Acesso em: 28 fev. 2025.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação.** Revista Educação em questão, n. 11, p. 22-39, 2006. Natal, RN. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285/5958> Acesso em: 04 abr. 2025.

WEIGEL, Anna Maria Gonçalves. **Brincando de Música.** Editora Kuarup, Porto Alegre: RS, 1988.